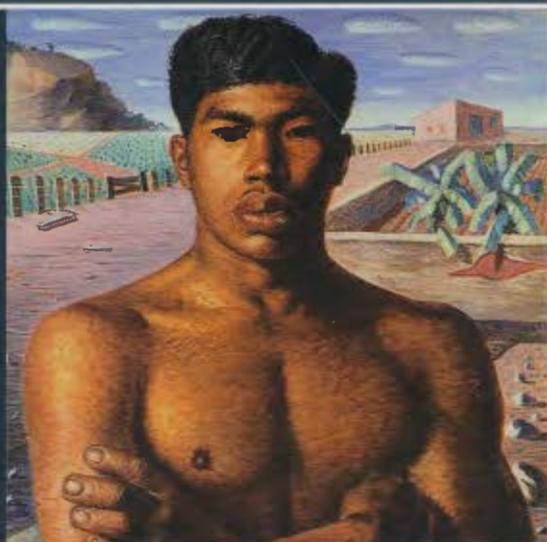


HISTÓRIA DO BRASIL NAÇÃO: 1808-2010
DIREÇÃO LILIA MORITZ SCHWARCZ

VOLUME 4

**OLHANDO
PARA DENTRO**
1930-1964



COORDENAÇÃO
ANGELA DE CASTRO GOMES

FUNDAÇÃO MAPFRE



CRONOLOGIA **13**

INTRODUÇÃO *Angela de Castro Gomes* **23**

AS MARCAS DO PERÍODO

PARTE 1 *Angela de Castro Gomes* **41**

POPULAÇÃO E SOCIEDADE

PARTE 2 *Boris Fausto* **91**

A VIDA POLÍTICA

PARTE 3 *Letícia Pinheiro* **143**

O BRASIL NO MUNDO

PARTE 4 *Marcelo de Paiva Abreu* **179**

O PROCESSO ECONÔMICO

PARTE 5 *Eliana de Freitas Dutra* **229**

CULTURA

CONCLUSÃO *Angela de Castro Gomes* **275**

O BRASIL É UMA TERRA DE AMORES...

ÍNDICE ONOMÁSTICO **281**

OS AUTORES **287**

A ÉPOCA EM IMAGENS **289**

INTRODUÇÃO

ANGELA DE CASTRO GOMES AS MARCAS DO PERÍODO

UM BRASIL BRASILEIRO

*Brasil, meu Brasil brasileiro
Meu mulato inzoneiro
Vou cantar-te nos meus versos
O Brasil, samba que dá
Bamboleio que faz gingá
O Brasil do meu amor
Terra de Nosso Senhor
Brasil! Brasil!
Pra mim... pra mim...*

Aquarela do Brasil, Ary Barroso, 1939

Os livros, como os filmes, deveriam ter trilha sonora. Eles, afinal de contas, são narrativas repletas de palavras que, com doses balanceadas de conhecimento e sensibilidade, buscam representar (no sentido mais conhecido de tornar presente o ausente) cenários, personagens, situações, projetos, valores, sentimentos etc. No caso deste livro, e como ele é um livro de história, as palavras falam de um tempo que passou, de uma realidade social que não é fictícia e está no passado. Mas, como se sabe, o passado não está “atrás” ou longe de nós; ele está junto, “dentro” e, paradoxalmente, próximo a nós, justamente por ter passado. Ele deixa marcas, imagens e sons, enfim, deixa uma herança que não pode e nem deve ser esquecida. A este volume coube, realizando a operação historiográfica clássica de recortar o tempo para melhor lhe imprimir sentido/significado, um período do passado

24 histórico brasileiro que recobre três décadas de enorme musicalidade. Mais uma razão para a trilha sonora...

Um dos seus sons mais significativos, pela carga de dor que traz e pelos desdobramentos político-sociais que produziu, é o dos tiros das revoltas e guerras. O período começa, sem a menor dúvida, com um dos eventos mais decisivos da história do Brasil, não importando se sua designação consagrada — Revolução de 1930 — tenha suscitado muitos debates na área acadêmica sobre seu real ou autêntico caráter revolucionário, como movimento de transformação das estruturas socioeconômicas do país. Essa polêmica, já nos anais da história da história do Brasil, não alterou a centralidade do evento, nem o “nome” com o qual é identificado, ainda que esse “nome” não seja muito adequado à “coisa” que nomeia. O período também se conclui com a agitação dos quartéis e os deslocamentos de tropas, em uma mais questionável ainda Revolução de 1964, como foi proclamada pelos que a desencadearam. Lideranças políticas civis e militares estiveram envolvidas em ambos os episódios, que tiveram apoio de setores da sociedade civil e também sua oposição, sobretudo à medida que a violência autoritária se tornou mais visível. E, se o segundo movimento tornou-se muito mais conhecido como Golpe de 1964, foi porque para isso concorreu um trabalho de construção de memória social, no qual os historiadores estiveram também presentes, no início do processo de redemocratização, já nos anos 1970/1980.

Entre esses dramáticos sons de abertura e desfecho, ainda houve uma guerra civil (a Revolução Constitucionalista de 1932), a única ocorrida no país até hoje, essa sim com muitos mortos entre a população, que combateu nos dois lados, formando contingentes de soldados despreparados, mas sinceramente mobilizados por suas causas. Além disso, esse foi o momento em que eclodiu a Segunda Guerra Mundial, cujos impactos na vida política e econômica brasileira foram grandes, pois ela forneceu o clima e as condições para o término de uma das mais importantes negociações diplomáticas, tendo em vista uma mudança de patamar no processo de industrialização em curso no Brasil. O ganho de se construir a primeira indústria de bens de capital — a siderúrgica de Volta Redonda — veio atrelado a um irrestrito alinhamento com os Estados Unidos, em luta contra o nazifascismo, anunciando ser uma questão de tempo o fim de regimes autoritários, como o próprio Estado Novo de Vargas. Isso, sem se menosprezar a dimensão humana que essa Grande Guerra produziu no interior de numerosas famílias brasileiras, uma vez que, para que uma estratégia de aumento de poder do país tivesse indiscutíveis fundamentos, o Brasil declarou guerra ao Eixo e enviou tropas à Itália, organizando a Força Expedicionária Brasileira (FEB).

A leitura do livro ganharia se, em muitos momentos, pudéssemos ouvir os hinos militares e aqueles sons que fazem nossos corações tremerem ante a desumanidade e o sofrimento que caracterizam todas as guerras. Mas boa parte de suas páginas também poderia ser percorrida com outro tipo de trilha sonora — a que balança o corpo e dá o tom de uma das maiores chaves desse período: a do nacionalismo, que, aliado ao desenvolvimentismo, fazia o país acreditar que seria mais brasileiro, mais moderno e mais justo socialmente, até porque, como dizia o poeta, era a terra de Nosso Senhor. Pelo menos dois dos maiores símbolos de nossa nacionalidade musical — e que fizeram a cultura brasileira percorrer o mundo — consagraram-se nessas décadas.

O primeiro, o “velho” samba que abre este livro, em uma nova versão, a de samba exaltação, típica dos anos do Estado Novo, que, como *Aquarela do Brasil* evidencia, tornou-se um ícone do país em muitos tempos e lugares. O segundo, a bossa-nova, uma mistura brasileira de samba e jazz, com alguns outros temperos; uma canção da MPB, isto é, da música popular brasileira, que não só passou a existir em sigla como também na mente de uma população muito diversificada socialmente. Isso porque há sambas e sambas: samba de morro, samba de breque, samba-canção, samba triste, samba-enredo etc. E, é bom remarcar, há também muitas variações do que a memória e a história enquadraram como bossa-nova. Nela, o cenário de uma cidade, o Rio de Janeiro, combinaria em doses sincopadas sol, sal, céu, mar, bar, meninos e meninas, felizes ou sofrendo de amor, que *Garota de Ipanema*, composta em 1962 por Antonio Carlos Jobim e Vinicius de Moraes, imortalizaria. Provavelmente, seria o tema ouvido quando o leitor fechasse o livro, pois ela atravessou as décadas de 1960/1970, tristes décadas de perda de esperança na combinação de desenvolvimento e democracia, que os anos 1950, em especial com o presidente bossa-nova, que também era modelo de automóvel (o JK), havia trazido. O Tom do Vinicius (que dupla!) seria um bom e belo tom para um olhar final sobre o volume.

Nesse caso, pode-se imaginar um leitor descontraído, em casa, vendo sua televisão, novíssimo equipamento que começava a ser objeto de desejo dos brasileiros — um bem de consumo durável da indústria nacional —, mas que só explodiria em vendagem nos anos 1970, com mais canais e programas, e também com mais crédito ao consumidor. Nos anos 1930, quando este livro começa a contar a história do Brasil, seria interessante levar o leitor ao auditório da Rádio Nacional, a mais popular das emissoras dos anos dourados do rádio, que são justamente as décadas de 1940/1950. Para ficar elegante, como se exigia, devia usar chapéu e, se fosse mulher, luvas e meias de *nylon*, integrando, quem sabe, o fã-club de um dos astros

26 do *casting* da emissora, que anunciava vários produtos com nomes em inglês, já que com a Segunda Guerra Mundial e a Política da Boa Vizinhança, Tio Sam tinha definitivamente chegado ao Brasil com sua Coca-Cola. Porém, o Brasil também lhe mandou algo bem nacional, ao menos para americano ver e ouvir: a cantora Carmen Miranda. Com bananas na cabeça, fantasias de baiana (muito discutíveis, aliás), mas com um requebrado para poucos colocarem defeito, ela se transformou, em Hollywood, no símbolo de um Brasil de sucesso, por meio do cinema para consumo internacional.

Um tipo de circulação político-cultural que aponta para a importância que o Brasil queria ter na América Latina e no mundo, ambicionando, inclusive, integrar o Conselho de Segurança da ONU, criada em 1945, com o lastro de ser um dos países a vencer o nazifascismo nos campos de batalha da Europa. Nessa conjuntura internacional, o ano de 1945 é igualmente uma inflexão na política interna do país, com a derrubada de Vargas e o fim do Estado Novo. O Brasil, após quinze anos marcados por altas doses de incerteza política, dos quais oito sob uma ditadura, voltava a se constituir como um Estado de direito, afinado com o concerto das nações liberal-democráticas do pós-guerra. Assim, em 1946, a Assembleia Nacional Constituinte promulgou uma nova Constituição e, em 1947, o país abrigou, no Rio de Janeiro, a Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz e da Segurança no Continente, na qual houve a assinatura do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (Tiar).

Como se pode observar, as três décadas sobre as quais este volume se debruça têm o ano de 1945 como data simbólica, pelo que evidencia de mudança política. A partir da Revolução de 1930 começou a chamada Era Vargas, assim conhecida por ser o tempo de construção e consolidação da figura de sua liderança máxima, Getúlio Vargas. Depois de 1945, vieram os tempos da Terceira República, ou seja, de uma experiência de exercício de procedimentos liberal-democráticos que, pela primeira vez no país, estabeleceu partidos nacionais e de massa e, efetivamente, viu crescer muito o número de eleitores, mesmo considerando-se que os analfabetos continuavam impedidos de votar. O primeiro presidente eleito dessa nova República foi um chefe militar do Exército brasileiro: Eurico Gaspar Dutra. Ele apoiou Vargas durante a maior parte de seu longo governo, teve simpatias pelo Eixo, mas acabou sendo peça-chave para a queda do Estado Novo. Porém, só venceu o pleito de 1945 porque o ditador destituído o recomendou ao povo, com a frase que decidiu a campanha eleitoral: “Ele disse: vote em Dutra.”

Uma observação que não é ingênua, pois quer chamar atenção para algumas possibilidades de se pensar o espaço de tempo analisado neste